



**SOCIEDADE  
CRISE E RECONFIGURAÇÕES**

# **VII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA**

**19 a 22 Junho 2012**

**Universidade do Porto - Faculdade de Letras - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação**

---

**ÁREA TEMÁTICA: Sexualidade e Género**

---

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO EROTISMO NIPÔNICO: DOMINAÇÃO, CONSUMO E INFLUÊNCIAS NA PRODUÇÃO DE BD'S**

---

BRAGA, Amaro Xavier, Jr.

Mestre em Sociologia da Comunicação

UFAL

[axbraga@gmail.com](mailto:axbraga@gmail.com)



### **Resumo**

O trabalho analisa as interligações semióticas na produção e consumo de BD's vinculados aos produtos eróticos produzidos pelo mercado Japonês. Enfatiza a grande diversidade de modalidades eróticas produzidas pelo Japão nestes produtos midiáticos e as reconstruções múltiplas quanto às práticas homoafetivas e de outras sexualidades. Não são só BD's para Gays e Lésbicas, mas para meninas héteros que gostam de vê relações entre meninos (Boy's Lover) ou com meninas (Shoujo-Ai) o contrário, meninos héteros que gostam de lê histórias com romances lésbicos (Yuri) ou entre meninos (Yaoi) e ainda BD's para Cross dressing, Hermafroditas (Futanari), ou que se vinculem a modalidades sexuais ainda consideradas desviantes socialmente como Pedofilia. Compreender a inserção destes temas inusitados (para os padrões ocidentais) é compreender que é possível dialogar com a diversidade sexual sem o perigo de tropeçar em visões deterministas quanto aos conceitos de impropriedade, barbárie ou quais outros levantados por aqueles que vêm a diversidade sexual como antinatural ou problemática. Os mangás conseguem apresentar esta pluralidade de papéis e identidades sexuais sem tratar tais questões como problema ou transtorno. Até que ponto esta diversidade corroboram para uma emancipação compreensiva ou fortalecem estereótipos sobre as questões de sexualidade e gênero, ocasionando uma reconfiguração sobre a percepção da população quanto às temáticas envolvidas?

### **Abstract**

The paper analyzes these miotic linkages in production and consumption linked to erotic's comic products produced by the Japanese market. Emphasizes the great diversity of forms produced by Japanese erotic in these media products and practices regarding multiple reconstructions homosexuals and other sexualities. Comic's are not just for Gays and Lesbians, but for straight girls who like to see relations between boys (Boy's Lover) or girls (Shoujo-Ai) otherwise, straight boys who like to read stories to novels lesbians(Yuri) or between boys (Yaoi) and even comics for cross dressing, hermaphrodites(Futanari), or arrangements that bind the sex still considered socially deviant as Pedophilia. Understanding the integration of these themes unusual (by Western standards) is to understand that dialogue is possible with sexual diversity without the danger of tripping over deterministic views about the concepts of impropriety, or which other barbarity raised by those who see diversity as unnatural sexual or problematic. The manga can present this diversity of roles and sexual identities without addressing such issues as problem or disorder. To what extent this diversity corroborate a comprehensive emancipation or strengthen stereotypes about issues of sexuality and gender, causing a reconfiguration of the public perceptions about the issues involved?

Palavras-chave: Mangá; Homossexualidade; Identidade Sexual, Banda Desenhada

Keywords: Manga; Homosexuality; Sexual Identity, Comics.

**PAP0144**



## **1. INTRODUÇÃO**

Nas Américas as histórias em quadrinhos (Bandas Desenhadas) enquanto produtos midiáticos são produzidos para o consumo de um público não muito diversificado. Gêneros chegam às livrarias e bancas com histórias das mais diversas, envolvendo super-heróis, terror, aventura, ficção e comédia. Apesar da diversificação temática, boa parte destes quadrinhos é produzida (e consumida) para um público jovem e infanto-juvenil. Isto é, apesar de ser consumido por diversas faixas etárias e classes sociais, é comum o direcionamento de mercado e perfil editorial das editoras os direcionem ao público infantil. No Brasil, de forma mais enfática, os quadrinhos são vistos como entretenimento descartável, infantilóide e essencialmente, um veículo para crianças.

Entretanto, a produção de quadrinhos em outros grupos culturais, assume um destaque bem diferenciado em relação ao mercado Brasileiro. No Japão, os quadrinhos (BD's chamados de "Mangá") são um veículo produzido e consumido por todas as faixas etárias e classes sociais. Sem correr o risco de exagero, é possível afirmar, que neste país, os quadrinhos são muito mais que uma forma de entretenimento infantil. É um produto de identidade e reconhecimento nacional.

Em todos os mercados de quadrinhos no mundo existe uma grande produção de publicações cujo tema encontra-se vinculado ao sexo, ou de forma direta, à sexualidade<sup>1</sup>. Estes quadrinhos podem ser nomeados como eróticos, pornográficos ou apresentarem nomenclaturas completamente particulares, como nos mangás. Durante a seleção de casos empíricos e da exploração dos dados, procurou-se identificar os casos que se direcionavam às temáticas incomuns aos padrões ocidentais. As práticas heterossexuais, portanto, não entraram nos esquemas de apresentação, por serem aceitas como "normais" pelo senso comum. Procurou-se problematizar as temáticas que se referiam a questões ainda vista como problemáticas pelos mercados ocidentais, especificamente brasileiro, e compará-los com as produções nipônicas.

## **2. MANGÁS INTERGÊNEROS: SEXUALIDADES NARRADAS E DESENHADAS**

Entre os japoneses os quadrinhos são feitos pensando na satisfação de um público em função de sua idade, sexo, e classe social. Muitos destes temas serão vistos, pelo ocidente, com muita estranheza, não só pela própria temática, mas por se vincularem aos quadrinhos, veículo percebido socialmente como juvenil. Entre estes temas, estão aqueles que são produzidos com algum tipo de vínculo com a sexualidade. Gostos, desejos, escolhas e opções sexuais permeiam a produção de quadrinhos com um tipo de naturalidade nada comum para os padrões ocidentais.

Os estudos sobre as dinâmicas da diversidade de gênero têm privilegiados as interações face-a-face e os movimentos políticos, além de é claro, a compreensão dos indivíduos transexuais, intersexuais, transgêneros e até crossdressers, entre vários outros. Sem relegar a importância destes estudos, é importante despertar a atenção para outras formas de identificação destes fenômenos que envolvem o gênero e a sexualidade que dizem respeito as suas práticas de representação mediada e midiática.

Ao trazer a discussão sobre a presença da sexualidade e da construção de gênero nos quadrinhos japoneses, não me refiro aos quadrinhos ou desenhos animados eróticos ou pornográficos, conhecidos como "Hentai"<sup>2</sup>, e nem ao desenvolvimento de histórias em quadrinhos para um público homossexual jovem e adulto. Mas a produção (e consumo) de quadrinhos homoafetivos cujos padrões de gêneros não se encaixam na dicotomia binária ocidental homem-homem ou mulher-mulher (em relação aos gostos e preferências). A seguir expõem-se, de forma recortada, algumas das tipologias homoafetivas destes quadrinhos.

### **2.1. A Diversidade Homoafetiva nos Quadrinhos Japoneses**

Encontram-se no mercado japonês, quadrinhos de aventura feitos para meninas, onde aparecem romances lésbicos, denominados de "Shojo-Ai" (Fig.05), voltados para meninas lésbicas. Entretanto, quando estas histórias são produzidas para o público masculino, passam a ser denominado de "Yuri" (Fig.04). A diferença do gênero é bem nítida, apesar de que no ocidente, seriam tachadas, ambas, de pornografia infantil ou

histórias homossexuais/lésbicas por retratarem jovens meninas ou adolescentes e mulheres adultas em situações eróticas. Os Yuri, muitas vezes chamadas de “Class S”<sup>3</sup>, invertem os estereótipos sobre a mulher e o homem, atribuindo a este último uma passividade feminina. As tramas sempre envolvem preliminares eróticas entre as meninas que se interessam pelos meninos e/ou buscam aprender a como se comportar com os meninos.

De forma ainda mais impactante, surgem aqueles quadrinhos voltados para os romances homossexuais masculinos. Quando são feitos para meninos, são chamados “Shonen-Ai” (Fig.03) (com conteúdo menos erótico) e quando são feitos para as meninas (!) são chamados de “Yaoi”<sup>4</sup> (Fig.01). Este último, às vezes é confundido com o termo “Boy’s Lover” (BL) (Fig. 02) – um subgênero mais erótico - e em grande parte são desenhados por mulheres que se especializaram em desenhar para “meninas que gostam de meninos que gostam de meninos”. As primeiras histórias surgiram na década de 1970 com algumas histórias onde meninos se declaravam apaixonados por outros meninos, inclusive já aparecendo românticas cenas de sexo entre eles (Cé, 2010; Gravett, 2006). E como o mangá tem um ritmo de produção e subdiversificação temática muito célere, em comparação com outros mercados (Braga, 2005; 2011), não demoraram a surgir caracterizações específicas dos tipos de personagens destas histórias, cujos pares estão sempre constituídos entre um “Seme” e um “Uke”, literalmente, “atacante” e “receptor”. O primeiro retratando homens mais velhos, fortes e valentes e o segundo, sempre mais jovem, andrógino, emotivo, frágil. Comumente, estes personagens não se declaram homossexuais, ao contrário, possuem práticas heterossexualizadas e são acometidos pela paixão mútua e arrebatadora. Mulheres, nestas histórias, constantemente não aparecem, são coadjuvantes de segundo e terceiro plano ou terminam mortas de maneira trágica (Cé, 2010; Jones, 2005; O'brien, 2008; Peret, 2009). Em verdade, o gênero destas histórias circula entre o drama romântico-trágico ao demonstrar as vicissitudes enfrentadas pelos protagonistas em defesa de sua paixão ou romance. Envolvendo às vezes, um suicídio ou fuga da sociedade ou o constante impedimento da concretização sexual ou do relacionamento (Cé, 2010; Thorn, 1993). Como são histórias feitas por mulheres para mulheres (e não para ou por gays), retratam um mundo estereotipado e alienado quanto aos papéis da homossexualidade (Aranha, 2010; Mclelland, 2005; O'brien, 2008; Rodrigues, 2009; Youssef, 2004).



Fig.01 - Sequência de páginas do mangá Yaoi Be-Boy. Romances homossexuais são produzidos em quadrinhos para atender a demanda da população que se interessa pela temática gay.



Fig.02 – Nos BL costuma ter cenas de sexo mais explícitas, como na imagem acima, onde o protagonista tem sua primeira relação sexual com alguns elementos sadomasoquistas. “Leopard Hakusho”n. 1, p.37.



Fig.03 – Já no Shonen-Ai, há uma tendência a cenas mais românticas e sem exibição de sexo ou cenas de nudez. “Hana no Mizo Shiru”, n.10, p.5.



Fig. 04 – No Yuri, as histórias privilegiam as cenas sexuais lésbicas. “I Fell In Love”, N.3, p.14.



Fig.05 - Página do mangá “Her Temptation”, um Shoyo-Ai com conflitos psicológicos do romance entre meninas, feito para meninas. Cenas mais delicadas e insinuações configuram este mangá.

E não para nestes gêneros. Produzem-se mangás com histórias eróticas cujos protagonistas são crianças de até 16 anos, que se envolvem sexualmente com adultos. Estes quadrinhos quando envolvem meninas são chamados de Lolicon (Rorikon) (Fig.07). É uma abreviatura de Lolita Complex (Complexo de Lolita). Quando são jovens meninos, são chamados de Shotacon (Fig.08). Para espanto do ocidente, ainda se encontra no mercado histórias que envolvem bebês em situações eróticas (Toddlercon)<sup>5</sup>. Apesar de tal posição chocar os valores ocidentais, o que se deve perceber aqui, é a penetração que o veículo “histórias em quadrinhos” possui neste mercado e como as temáticas são completamente mutáveis em relação aos padrões ocidentais.



Fig.06 – Cena do Futanari “Read-Me”.  
2007. The secrecy of your heart. p.10. No  
enredo a protagonista tem medo de revelar  
seu pequeno “segredo”.





Fig.08 – No Shotacon, as histórias em enredos envolvem meninos em situações eróticas com adultos. Como na cena acima do mangá “Skinship Syndrome”.



Fig. 09 – Página de Ranma 1\2, mostrando os dilemas de um menino que , devido a uma maldição, precisa viver como menina em diversos momentos de sua vida. Um exemplo clássico de Crossdressing Shota sem vínculos sexuais.



Fig.10 - Cena do Mangá Adekan (n.3). Apesar de não ser explicitamente um Shotacon, a autora insinua cenas libidinosas entre duas crianças. Uma delas começa a lamber as feridas de outra revelando posições e sons eróticos. Nos mangás termina não havendo limites entre um gênero e outro.

Na gama de gêneros pelo qual se produzem mangás, ainda estão aqueles que envolvem os hermafroditas, chamados de “Futanari” (Fig.06) e os que se dedicam aos meninos que gostam de se vestir com roupas do

sexo oposto, denominados de “Crossdressing Shota” (Fig.09 e 10), já quando as meninas se travestem, passam a ser chamados de “Bender”. Estes mangás de travestismo, muitas vezes, não se envolvem com temáticas sexuais ou cenas eróticas. Desenvolvem enredos com personagens que se travestem ou fingem ser de um gênero não associado ao seu sexo de nascimento pelos parâmetros sociais. As histórias mostram as situações problemáticas e cômicas que envolvem estes indivíduos, mas não associam o travestismo a uma identidade sexual preestabelecida. Um exemplo disso foi o anime\Mangá Ramma Nibun-no-Ichi ou Ramma 1\2 (Fig.09), a história de um garoto treinado em artes marciais de 16 anos que é amaldiçoado: toda as vezes que é molhado com água fria ele vira uma menina. No fim as histórias mostram um personagem que vive continuamente um mundo onde precisa se relacionar conforme os papéis sociais de seu status momentâneo (Menino ou Menina).

### **3. A NOMINAÇÃO, IDENTIDADE SEXUAL E AÇÕES AFIRMATIVAS NOS MANGÁS**

As nomenclaturas diversificadas para cada tipo de ambientação ou situação não pode ser negligenciada como simples recurso estilístico ou riqueza linguística. A existência de um termo descritivo não só revela a existência da coisa nominada à comunidade nomeadora, mas, a capacidade que ela tem de descrevê-la, dominá-la e defini-la, em todos estes momentos, integrá-la em seus contextos socioculturais. Esta integração não é propriamente, aceitação, mas a presença da coisa no conjunto organizado de padrões de reconhecimento<sup>6</sup>.

Sabemos que em muitas culturas não existe o termo “homossexual”, apesar da prática de relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo, com interação corporal, mútua ou unilateral, trocas de fluídos corporais e demonstrações de carinho entre eles, possa existir<sup>7</sup>.

No Japão, cada variação de gênero nas publicações em quadrinhos é nominada de forma diferenciada. Há definições específicas que revelam o tipo de estrutura do material – da sua aparência ao gerenciamento dos elementos constitutivos – e de seu publico consumidor\leitor. No Brasil, ao contrário, não temos uma variante tão grande que comporte a identificação e distribuição destas publicações. O público no Brasil tende a uma desintegração de fatores associativos no consumo destes materiais<sup>8</sup>. Apesar das exceções, não se desenvolvem gêneros tão particionados como no Mangá.

A existência do termo, da nominação, atribui à coisa, sua existência. Seu espaço. Com estudos sobre sexualidade se desenvolvendo e as conquistas políticas vinculadas aos GLBT, um grande número de termos diferentes e diferenciadores vem surgindo e especificando a posição de cada individuo no estrato social<sup>9</sup>. Apesar do termo “transgêneros” ter incorporado os transexuais e o travestismo, outras modalidades percebidas, nominadas e desenhadas nos quadrinhos japoneses, enaltecem submodalidades que não encaixam nas listadas. Não que devam se encaixar ou, pior, que sejam enquadradas como “doenças”, longe disso. A proposta aqui é perceber como o surgimento destas categorias corrobora para o melhor entendimento destas situações que envolvem comportamento de gênero e comportamento sexual.

Os quadrinhos japoneses deixam bem claro que estas estruturas (gênero e sexualidade) são diferentes e contribuem de forma também diferenciada para a formação da identidade de gênero e da identidade sexual dos indivíduos. No ocidente, estas situações ainda são consideradas sinônimas e codeterminantes, e confundem a cabeça dos jovens e de muitos membros da sociedade<sup>10</sup>.

Existir uma produção de mangá, cujo gênero se defina como crossdressing, significa que se produz para um público que não necessariamente mudará sua opinião ou prática sexual, mas já incorpora uma identidade de gênero diferenciada. E não custa lembrar: se estes quadrinhos são produzidos – e não falamos aqui de casos isolados ou publicações independentes, mas uma série de publicações intermitentes, constantes e de grandes tiragens – é porque são consumidos. Se forem lidos, suas estruturas iconográficas tendem não só a funcionar como formas de entretenimento, mas, sobretudo, como agentes de socialização que aproximam seus leitores de formas antecipadas de comportamento e “manuais” moralizantes dos comportamentos envolvidos. Isto é, são formas pedagógicas de instrução que antecipam situações-problemas e fornecem práticas de resolução

destes mesmos problemas. Terminam por se constituírem como modelos de referência comportamental ou de valorização identitária.

Outro fator surpreendente diz respeito a frequência da presença de personagens cuja identidade de gênero ou sexual é ambientada fora dos limites dicotômicos tradicionais (Homem/Mulher) presentes nas mais variadas histórias e gêneros de classificação, tanto nos mangás como nos animes. Dos violentos mangás para meninos (Shonen) até as aventuras românticas femininas (Shoujo) e as infinitas possibilidades de intercabeamento entre eles, a temática dos “intergêneros” sempre é detectada.

#### **4. CONSUMO E PRODUÇÃO DE IMAGENS ERÓTICAS E AS REPRESENTAÇÕES DE PAPEIS INTERSEXUAIS**

Para compreender este mercado de produção de mangás (e é possível estender tais considerações aos outros mercados) cogitou-se que o investimento na produção e sua diversificação estivessem associados às questões de comercialização e exploração do mercado sexual. A rentabilidade e fruição da temática sexual mostrou-se, no último século, ser uma boa fonte de investimento (das fotografias eróticas, álbuns e fotonovelas pornográficas, passando pelos VHS e o cinema erótico até a moderna indústria visual de vídeos cibernética com a comercialização online). Seria esta diversificada produção de mangás focados na sexualidade, mas um efeito derivado desta indústria do sexo? Responder satisfatoriamente a esta questão exigiria um tempo e um espaço maior do que se dispõe neste trabalho, mas é possível mostrar que, no caso deste mercado japonês, não tão simples afirmar ou negar de imediato.

A trajetória do povo japonês, de sua arte, expressão visual e produção de mangá já mantinha uma forte estreita ligação com a temática da sexualidade.

Diferente do mundo ocidental, no Japão, a sexualidade sempre foi vista como uma expressão da natureza humana e, portanto, não proibitiva, nem pecaminosa. As primeiras grandes expressões artísticas nipônicas já contavam com a temática erótica e o ato sexual como foco dos artistas. E, por mais que pareçam estranhos, seus registros não tinham uma visão romanceada, mas caricatural. Registravam cenas cômicas que retratavam traições, coitos interrompidos, violações não desejadas, adultérios e práticas sexuais não usuais – para os padrões ocidentais – envolvendo transexuais, hermafroditas e relações homoeróticas.

Identificamos estas incursões desde o período Heian (794-1185), mas o grande momento de produção, veiculação e consumo destas pinturas – que eram reproduzidas e vendidas nas feiras ou encomendadas nos ateliês, em folhas avulsas ou em álbuns encadernados de 12 páginas – será no século 17 até os meados do século 19, durante o chamado período Edo (Calza, 2010).

É neste período que serão produzidos os Ukiyo-e, gravuras, muitas vezes sequencializadas, que retratavam cenas do cotidiano, com caráter cômico e jocoso, muitas delas, exclusivamente eróticas. Na sua grande maioria mostravam cenas heterossexuais, mas a homossexualidade estava presente, tanto feminina (fig.11), quanto a masculina (fig.12). Assim como os mangás na modernidade, os Ukiyo-e, tinham denominações diferenciadas para cada situação. Assim, havia as gravuras de Kagemaru (fig.15), que retratavam jovens prostitutas masculinos em coitos anais; os Najimi (fig.17), que eram os parceiros homossexuais regulares de homens, em grande parte, monges. Os Najimi se vestiam como mulheres e viviam uma vida doméstica. Os Onnagata (fig.16) eram os atores que só atuavam em papéis femininos no Kabuki e não muito raramente, davam continuidade aos seus personagens femininos na vida real. Retratavam-se também muitas fantasias das mais diversas orientações. Uma das mais recorrentes consistia na penetração involuntária de um jovem homem casado na frente de sua esposa. É um gênero baseado numa famosa peça de teatro chamada Jogos de Osome e Hisamatsu (fig.13 e 14). Trata-se de uma fantasia corriqueira de uma relação sexual a três, envolvendo um jovem casal com um homem mais velho que se interessa pelo homem jovem e não pela esposa. E até cenas sexuais com hermafroditas (fig.18).



Fig.11 - Duas amantes lésbicas fazendo sexo com o uso de pênis artificial. Fumi no Kiyogaki de Ikeda Terukata (1883-1921). 1899. Calza, 2010, p.310-311



Fig. 12 – relação homossexual retratada nas gravuras de Ukiyo-e, de Utagawa.1860.



Fig.13 – Uma das cenas mais recorrentes no Ukiyo-e: um homem mais velho realiza um coito anal com um homem mais jovem e recém casado. S\Título. :Utamaru, 1801





Fig. 14 – Outro exemplo do Jogo Osome e Hisamatsu. S\Título. Kensai Eisen, 1820.



Fig. 15 – Gravura mostrando o Kageka, jovens prostitutos masculinos prestando seus serviços a um velho monge.



Fig. 16 – Um Onnagata (atores de papéis femininos no Kabuki) com seu amante.



Fig. 17 – Coito anal de um Najimi, parceiro fixo de uma relação homossexual.



Fig. 18 – Nesta gravura, o ato sexual acontece com um Hermafrodita.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível supor, portanto, que uma atmosfera favorável à diversidade de papéis sexuais construiu-se no Japão ( não se exime aqui as situações de discriminação, enfatiza, outrossim, o ambiente de exibição). A exibição continuada de personagens com diferentes funções no ato sexual e com distintas nomenclaturas, além de uma expectativa de comportamento que tangenciava a dicotomia heterossexual-homossexual, permitiu que se desenvolvessem os diversos segmentos identitários relativos à sexualidade nas artes visuais, particularmente nos mangás.

Estes mangás revelam assim a intertransitoriedade das relações de gênero e da sexualidade homoerótica sem uma posição dicotômica ou determinista, como no ocidente:

*“[...]temos numerosas classificações segundo o tipo de prática sexual, variando conforme a idade dos parceiros, o status, o gênero com o qual cada parte se identifica, e o contexto no qual os atos são praticados. Trata-se, assim, de um inventário de comportamentos e práticas sexuais adotados em relacionamentos homoeróticos, sem quaisquer extensão de tais práticas para a questão dos sujeitos. Neste contexto, é totalmente coerente que um homem que se sente atraído por mulheres possa vir a se sentir igualmente atraído por um wakashuu (adolescente andrógino) ou por um onnagata (personalização da fêmea), sem que duvide de sua orientação sexual voltada para o sexo oposto. Do mesmo modo, seria concebível para*

*um onnagirai (aquele que odeia mulheres) a falta de interesse sexual por qualquer mulher, sem colocar em questão qualquer natureza identitária, podendo simplesmente abster-se do sexo ou masturba(r)-se na companhia de outros homens, sem que sinta qualquer desejo sexual por estes.” (Aranha, 2010, p.247)*

Compreender a inserção destes temas inusitados (para os padrões ocidentais) é compreender que é possível dialogar com a diversidade sexual sem o perigo de tropeçar em visões deterministas quanto aos conceitos de impropriedade, barbárie ou quais outros levantados por aqueles que veem a diversidade sexual como antinatural ou problemática. Os japoneses, através dos quadrinhos, conseguem apresentar esta pluralidade de papéis e identidades sexuais sem tratar tais questões como problema ou transtorno.

Muitas ações pedagógicas procuram se desenvolver com o objetivo de (re)educar os jovens com procedimentos e práticas que visam à inclusão dos homossexuais e transgêneros nos contextos sociais de interação social. Como combater a homofobia, historicamente incrustada na nossa sociedade? Cartilhas, campanhas publicitárias, ações afirmativas e diversas outras políticas veem sendo implantadas. Barreiras e procedimentos equivocados são enfrentados com o intuito de construir uma sociedade melhor e mais integrada à diversidade.

Apesar do Japão, e sua cultura, apresentarem um rigor sexista, muito mais forte que o nosso, a existência de histórias em quadrinhos nas bancas de revistas, livrarias e quiosques espalhados por todo o país, com um material tão diversificado como o apresentado nos tópicos anteriores, nos revela algo importante: apesar da discriminação existir, o modo como a cultura nipônica lida com a educação sexual ou a produção de material de entretenimento relacionado às questões de identidades de gênero e práticas sexuais, é muito mais integrador do que no Brasil. A diversidade de identidades de gênero são apresentadas – apesar de não terem aceitação total – como possíveis, existentes e acima de tudo, ambientadas numa convivência social. Existiria exemplo melhor de dinâmicas de integração e educação para a diversidade do que este? Apesar de ter se restrito às publicações impressas de mangás, muitos destes materiais migram para desenhos animados, jogos de videogame, OVAs (especiais para TV) e Live action com atores reais (Tokusatsu ou Sentais).

Meninos sensíveis e delicados que gostam de coisas de meninas, mas, que não são associados a uma preferência sexual – homossexual, por exemplo – da mesma forma que meninas travessas, ríspidas e violentas não necessariamente vão gostar de meninas, isto é, serem lésbicas. Esta simples apresentação da diversidade de gênero, além da dicotômica relação menino-macho, menina-fêmea, permite que surjam, no imaginário dos leitores, a possibilidade de existência de intergêneros e transgêneros sem associar de maneira estereotipada e determinista, o comportamento a prática sexual.

Os Mangás (e seus Gêneros subsequentes) não cessam de produzir estas imagens. No Esquadrão Relâmpago Changeman (Dengeki Sentai Chenjiman), havia a vilã Sheema quando criança bebeu o leite do monstro Wuba e ficou com uma imponente voz grossa de homem, mas apesar de sua voz grossa e de ser vilã, acaba o seriado como aliada, ao perder sua Voz masculina. No Cavaleiro dos Zodíacos (Saint Seiya), Shun é um jovem que veste a armadura de Andrômeda, originalmente prevista para uma mulher, a armadura rosa, aliada a uma personalidade delicada e sensível contrastam com as constantes cenas de salvamento do seu irmão Ikki, com a armadura de Fênix, musculoso, bravo e selvagem, mas sempre surgindo do além e resgatando seu frágil irmão do perigo. Mas apesar de sua personalidade afeminada, Shun é interessado numa garota e se mostra corajoso ao enfrentar suas adversidades. Em YuYu Hakusho, um shonen tipicamente para meninos heterossexuais, duas pequenas situações ocorrem entre as temporadas: a primeira, ocorre quando o protagonista Yusuke Urameshi, enfrenta uma vilã, Miyuki, que na verdade é um homem. E sua descoberta ocorre com uma apalpada nas partes íntimas do/a vilão/a. No mesmo desenho há uma declaração de amor entre dois personagens masculinos Hiei e Kurama, que na versão dublada em português foi vetada. Situação semelhante ocorre como Sailor Moon (Bishōjo Senshi Sērā Mūn), onde, entre as cenas de batalha, aparecia o romance entre Malachite e Ziocyte, dois homens. Na versão dublada, o último é transformado em mulher, evitando assim o “constrangimento”. Nas temporadas seguintes, o grupo de meninas ganha um casal lésbico, as Sailor Saturno e Netuno, Haruka e Michiru, que protagonizam muitas cenas românticas. Em Sakura Card Captors (Kādokyaputā Sakura), o irmão de Sakura, Toya descobre-se apaixonado pelo amigo dela, Yukito. No mesmo anime, Toya, com apenas 12 anos chega a namorar sua professora (Kaho Mizuki)

bem mais velha. É assim que num produto, cujo gênero principal é Aventura Fantástica de Magia, elementos de Shotacon e Shoujo-Ai penetram, discretamente, sem afetar o enredo geral.

Os media nipônicos brincam com a diversidade de gênero e a descontextualizam do universo sexual. A inserção destes personagens nos enredos mostra que a diversidade de gênero e a sexual são ambientes naturais e podem ocorrer a qualquer momento e fazer parte da vida social. Vilões ou mocinhos, as variações intergêneros e intersexuais presentes nestas histórias quebram com o estranhamento e a desconfiança ocasionada pelo não conhecimento. Apresentam e reapresentam as identidades GLBT aos receptores sem mistificar seus comportamentos de gênero ou opções de sexualidade, envolvendo o leitor na recepção evidente da diversidade. Integrando-os a um padrão de normalidade.

A produção de BD's que incorporam as múltiplas e criativas formas de prazer sexual e discorrem sobre a prática sem taxa-las de perversão ou doença, apresentam-nas como seus praticantes as veem: uma forma a mais de amor e prazer, por mais que nas leituras ocidentais, sejam vistas como doentias ou incentivadoras de transgressões criminais ou desviantes.

Apesar do exemplo e a proposta integradora que estas publicações trazem, sua presença em outros ambientes culturais pode ocasionar grandes conflitos culturais, se não houver mediações que preparem sua recepção. Sua inserção *in natura* deve ser reavaliada, sob o risco de comprometer outros processos culturais. Mas é possível usar a experiência na produção de material semelhante. Introduzir personagens transgêneros em histórias e apresentar as diversidades afetivas vinculadas às opções sexuais, afastando-se dos estereótipos e das visões discriminatórias é essencial para uma educação inclusiva quanto à diversidade sexual e de gênero.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aranha, G. (2010). Vozes abafadas: o mangá yaoi como mediação do discurso feminino. *Revista Galáxia*, São Paulo, n. 19, p. 240-251, jul. 2010. Recuperado em 18 de Maio, 2011, de <http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/3305/2216>.
- Braga, Amaro X., Jr. (2011). *Desvendando o Mangá Nacional: Reprodução e Hibridização nas Histórias em Quadrinhos*. Maceió: Edufal.
- Braga, Amaro X., Jr (2005). *A linguagem do mangá*, Portal Literal. Recuperado em 20 de Agosto, 2010, de <http://www.literal.com.br/artigos/a-linguagem-do-manga>.
- Calza, Gian Carlo (2010). *Poem of the Pillow and other Stories*. London: Phaidon Press.
- Cé, O. A. (2010). Seme Ou Uke? Uma Análise Sobre o Yaoi, Os Quadrinhos Homossexuais Japoneses, *Fazendo Gênero 9*, Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. 23 a 26 de agosto de 2010. p. 01-08. Recuperado em 18 de Maio, 2011, de [http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277925701\\_ARQUIVO\\_SemeouUke.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277925701_ARQUIVO_SemeouUke.pdf).
- Gravett, P. (2006). *Mangá: como o Japão reinventou os quadrinhos*. São Paulo: Conrad.
- Jones, V. (2005). He Loves Him, She Loves Them: Japanese comics about gay men are increasingly popular among women, 25 abr. 2005. Recuperado em 18 de Maio, 2011, de [http://www.boston.com/ae/books/articles/2005/04/25/he\\_loves\\_him\\_she\\_loves\\_them/](http://www.boston.com/ae/books/articles/2005/04/25/he_loves_him_she_loves_them/).
- McLelland, M. (2005). The World of Yaoi: The Internet, Censorship and the Global Boys Love Fandom. Recuperado em 18 de Maio, 2011, de <http://heinonline.org/HOL/LandingPage?collection=journals&handle=hein.journals/afemlj23&div=7&id=&page=>
- O'brien, A. A. (2008). Boys' Love and Female Friendships: The Subculture of Yaoi as a Social Bond between Women». (Mestrado em Artes – Departamento de Antropologia - Universidade do Estado da Georgia). Recuperado em 18 de Maio, 2011, de [http://digitalarchive.gsu.edu/anthro\\_theses/28](http://digitalarchive.gsu.edu/anthro_theses/28).



Peret, E. (2009). Percepções da Sexualidade: Anime e Mangá, ELO: Grupo de Pesquisa em Comunicação Intercultural, Ed.04, Maio de 2009. Recuperado em 18 de Maio, 2011, de [http://www.elo.uerj.br/pdfs/ELO\\_Ed4\\_Artigo\\_animemanga.pdf](http://www.elo.uerj.br/pdfs/ELO_Ed4_Artigo_animemanga.pdf)

Rodrigues, L. P. M. (2009). O Mangá: Diálogos entre a Arte Oriental e Homoerotismo, II Seminário Nacional - Gênero e Práticas Culturais, Culturas, Leituras e Representações, UEPB, 28 a 30 de outubro de 2009. Recuperado em 18 de Maio, 2011, de <http://itaporanga.net/genero/gt9/10.pdf>.

Thompson, K. D. (2010). Yuri Japanese Animation: Queer Identity And Ecofeminist Thinking. (Mestrado em Literatura Inglesa – Departamento de Inglês – Universidade do Leste da Carolina). Recuperado em 18 de Maio, 2011, de [http://thescholarship.ecu.edu/bitstream/handle/10342/2913/Thompson\\_ecu\\_0600M\\_10210.pdf?sequence=1](http://thescholarship.ecu.edu/bitstream/handle/10342/2913/Thompson_ecu_0600M_10210.pdf?sequence=1)

Thorn, M. (1993). Unlikely Explorers: Alternative Narratives of Love, Sex, Gender, and Friendship in Japanese "Girls" Comics, Conferência Estudos Asiáticos em New Paltz, Nova Iorque. 16 de outubro de 1993. Recuperado em 18 de Maio, 2011, de [http://www.matthorn.com/shoujo\\_manga/sexual\\_ambiguity/index.html](http://www.matthorn.com/shoujo_manga/sexual_ambiguity/index.html)

Youssef, S. (2004). Girls who like Boys who like Boys – Ethnography of Online Slash/Yaoi Fans» (Bacharelado em Artes - Departamento of Anthropology - Mount Holyoke College). Recuperado em 18 de Maio, 2011, de <http://www.yuuyami.com/luce/thesis.pdf>

---

<sup>1</sup> Em verdade, questões vinculadas à ideologia sexual ou aos padrões de sexualidade (aprovação ou rejeição) podem ser extraídos, obtidos e encontrados, através de representações sociais e/ou coletivas, em qualquer quadrinho publicado. Refiro-me aqui, especificamente, aqueles que abertamente envolvem-se com temáticas sexuais, sejam com atos sexuais explícitos ou narrando romances de cunho sexual distinto dos padrões heterossexuais, apresentando assim, perfis de identidades sexuais.

<sup>2</sup> Nestas Hq's (BD's) é comum a representação de cenas de sexo explícito. Algumas características particulares: as leis japonesas proíbem a exibição dos pelos pubianos, aliado ao desenho estilizado e com poucas ranhuras, as personagens femininas tendem a ter sempre a aparências de jovens imberbes e aparentar ao ocidente uma clara produção de pornografia infantil – apesar de não o ser.

<sup>3</sup> Segundo Thompson (2010), o "S", é do inglês "Sister". Meninas que se viam como irmãs e se autoiniciavam nas atividades sexuais para aprendizagem prévia, antes de testarem com os meninos. Muitas vezes estimuladas para que as jovens ficassem treinadas para seus maridos.

<sup>4</sup> Segundo Peret (2009, p.04): "Yaoi é um acrônimo das iniciais de "yamanashi, ochinashi, iminashi", que é traduzido para o português como "Sem clímax, sem resolução, sem significado". A expressão originalmente se referia a quaisquer paródias brincalhonas de publicações conhecidas, mas logo assumiu uma conotação apenas relativa à homossexualidade masculina."

<sup>5</sup> A legislação japonesa não compreende estes mangás como pornografia infantil ou uma prática que venha a estimular a pedofilia, considerados crimes no país, já que são desenhados e não fotografias com crianças de verdade, sendo assim, não são vistas como "reais" e sim ficcionais.

<sup>6</sup> Quando não se reconhece algo ou não existe termo para sua referência, não é que a coisa não exista, ela simplesmente ainda não foi totalmente conhecida, problematizada ou percebida ao ponto de se integrar. As nomeclaturas, os termos e suas definições justapostas, são um índice destas realidades culturais criadas. Para o cientista social, uma ponte para adentrar aos contextos culturais.

<sup>7</sup> O que nominamos de "homossexualidade", no ocidente, incorpora práticas diferenciadas em cada cultura. O que pode ser considerado gay num grupo, no outro, pode não ser percebido da mesma forma e vice-versa. Este mapa, cujo número de nodulos compõe-se das práticas estabelecidas como definitórias da situação, em um grupo, quando identificado, revela um sóciograma da estrutura socio-cultural relativa ao fenômeno mapeado.

<sup>8</sup> E os próprios produtores, muitas vezes, não conseguem definir seus trabalhos e enquadrá-los em (sub)gêneros específicos. Esta discussão, inclusive, remete a tentativa de aglomeração em torno do termo "História em Quadrinhos" (Banda Desenhada) e associando a aparência estética do traço arte-final com o gênero.

<sup>9</sup> Em certo momento histórico, a homossexualidade era considerada doença (de acordo com o CID – Classificação Internacional de Doenças), com as lutas políticas e os estudos antropológicos, muitas sociedades abandonaram o status de doença e migraram para comportamento desviante e depois para comportamento sexual. Entretanto, situações, antes descritas sob o termo "homossexualismo", como o travestismo ou a mudança de sexo, foram incorporadas como transtornos de identidade sexual (CID 10 – F64) e pelos Transtornos de Preferência Sexual (CID10 – F65). Com mais

---

estudos e militância política, o travestismo, saiu da lista, ficando apenas as outras modalidades de identidade sexual (Transexualismo, Travestismo Biavalente, Transtorno de Identidade Sexual na Infância, Outros e os Não Específicos) e nos de Preferência Sexual (Travestismo Fetichista, junto com a Pedofilia e o Sadomasoquismo).

<sup>10</sup> Hoje aparecem muitos debates sobre o travestismo heterossexual (Um homem que gosta\prefere\precisa se vestir de mulher, mas continua a praticar\querer atividade sexual com mulheres), ainda visto como bizarrice ou como homossexualidade velada pelo senso comum. Identidade, comportamento e prática sexual escalonadas em níveis completamente diferentes – como deveria ser, mas que na tradição ocidental, ainda caminha com paços lentos para seu entendimento.